

efachetti@redegazeta.com.br Tel: 3321-8319

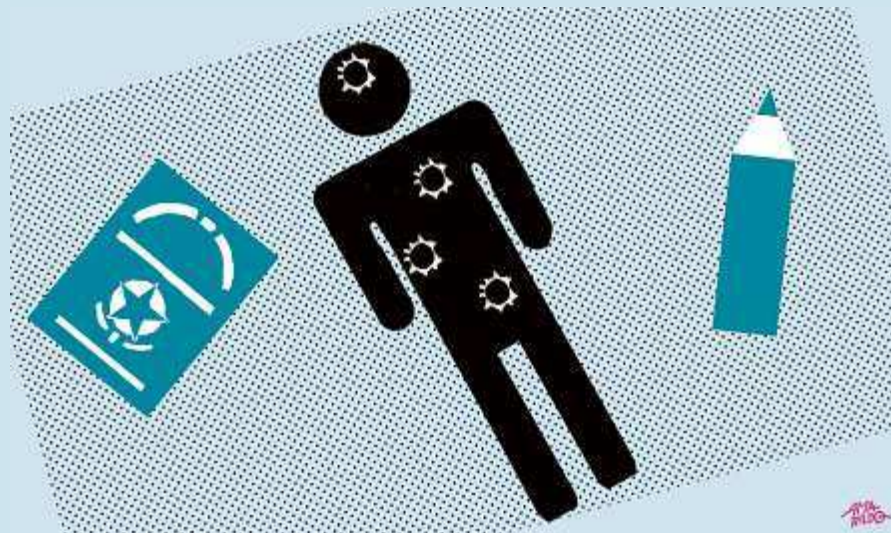
PRAÇA OITO**Eduardo Fachetti**

A Assembleia Legislativa contratou uma empresa para pintar o Palácio Domingos Martins por dentro. Vai gastar R\$ 1,2 milhão na reforma.

O desafio de prevenir os assassinatos

Com base em um banco de dados formado nos últimos anos, o governo do Estado está convencido de que os assassinatos em território capixaba acometem, predominantemente, homens jovens, que têm entre 15 e 24 anos, que não trabalham nem estudam, moradores de cerca de 20 bairros distribuídos entre a Grande Vitória e o interior. Esse público forma, hoje, o alvo principal do programa “Ocupação Social”, apresentado pela administração de Paulo Hartung como ferramenta para conter a criminalidade.

O Ocupação Social guarda semelhanças com aquilo que a gestão de Renato Casagrande apresentou para enfrentar a violência, e não por acaso, internamente, há pessoas do governo



que o chamam de “novo Estado Presente”. Em comum, ambos os projetos se baseiam no intercâmbio de informações entre secretarias e na meta de chegar a áreas violentas com a oferta de serviços sociais.

No entanto, a atual gestão alega que, de diferente, o trabalho de agora

tem foco definido. Não basta unir polícias, reunir secretários e formar conglomerados urbanos, dizem os governistas. “O foco não são territórios, é quem mora lá. Temos que ir no perfil certo”, aponta o secretário Evaldo Martinelli, de Ações Estratégicas.

Já está definido que o Instituto Jones

dos Santos Neves funcionará como “cérebro de dados” do Ocupação Social. É lá que serão cruzadas e compiladas informações georreferenciadas sobre evasão escolar, número de pessoas desempregadas, estatísticas de criminalidade e oferta de serviços da assistência social, por exemplo. A expressão de ordem é “criar filtros” para o governo definir o que oferecer e a quem oferecer.

Como resultados dos primeiros estudos, o governo já definiu que o programa “Patrulha da Comunidade” será mantido, mas com foco no combate à violência doméstica. O programa estadual de estágio para alunos do ensino médio será remodelado: agora as vagas têm que ser ofertadas primeiro a quem mora em áreas de risco. Os Centros de Referência de Assistência Social (Cras) também receberão nova injeção.

O que o Estado almeja é se fazer presente na vida das pessoas mais vulneráveis antes que a criminalidade as encontre. Trata-se de um desafio tão complexo que talvez exija que a própria máquina pública se reinvente.

ENTREVISTA

“SEMPRE TEREMOS ÁREAS COM ALTOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA”

Evaldo Martinelli

Secretário de Ações Estratégicas

« Coordenador do programa “Ocupação Social”, o secretário estadual de Ações Estratégicas, Evaldo Martinelli, explica quais os principais desafios para colocar o plano de enfrentamento à violência de pé. Confira:

Se o programa “Estado Presente” era de integração para conter a violência e o “Ocupação Social” também segue isso, qual a diferença?

A grande diferença é o foco de atuação, que é mais específico. A gente tinha, antes, 32 aglomerados e 160 bairros, em todo canto do Estado. Mas só por coincidência os projetos chegavam a quem tinha que chegar. Na prática não funcionava por causa da falta de foco. Todos sabem quais são os bairros mais violentos, onde eles estão, como chegar. O grande vetor é chegar ao cidadão.

As áreas mudam?

Temos 15, 20 bairros que estão no topo da violência há anos. O foco não é o

território, é quem mora lá. Vou dar um exemplo: tratar a região de Terra Vermelha, em Vila Velha, como território único, e instalar lá um equipamento, um campo de futebol, é desconsiderar que dentro daqueles 10 bairros há alguns que não conversam por causa do tráfico. O ajuste de foco é um grande dificultador. **Já há prazo estabelecido para reduzir os índices?**

Estamos falando de um trabalho contínuo. Isso não tem fim. Quando você diminui o risco em uma área, outra passa a subir no ranking. Sempre teremos áreas com altos índices de violência, é assim no mundo todo.

Existe algo criado na gestão passada que vocês considerem

bom, que vá ser mantido?

O Patrulha da Comunidade, o programa de estágio ‘Jovens Valores’ e a iniciativa dos Coordenadores de Pais, que atuam com as escolas, contra evasão. Foram bem concebidos, mas lamentavelmente a execução não tinha foco.

Onde o senhor enxerga obstáculos para o Ocupação Social?

Em criar canais de informações entre os órgãos. A máquina pública tem que conversar sem burocracia. Os diferentes órgãos têm que saber onde há alunos fora da escola, quantos jovens estagiam, onde a polícia comunitária deve focar, quem os Cras devem atender. Os nossos órgãos, em geral, são lentos. E essa demora faz com que a gente perca vidas.